



O Seminarista

Bernardo Guimarães

A época: contexto histórico do Romantismo

O período de maior vigor da estética romântica corresponde à primeira metade do século XIX, época em que a civilização ocidental vive profundas contradições, grande parte delas trazida pela Revolução Industrial e pelo aumento de complexidade social determinado por ela.

Assim, a estética romântica vai expressar os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a burguesia, que ainda não subiu. Resultam daí as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento.

A Europa vivenciava grandes mudanças já desde a segunda metade do século XVIII. Entre elas, cabe destacar a crise das monarquias nacionais absolutistas e a Revolução Francesa, com a disseminação dos seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Assiste-se também ao surgimento do Liberalismo em política, moral, economia e arte e a uma nova escala de valores em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

Tantas transformações históricas, sociais e culturais exigem a compreensão global do complexo romântico, para que se possam entender os vários níveis de abordagem do movimento e sua riqueza de motivos e temas: o amor, a saudade, a dor, a infância, a pátria, a natureza, a religião, o passado são apenas alguns dos principais.

O Brasil também vive uma fase peculiar; a vinda da família real, em 1808 — e sua permanência na colônia até 1821 — determinaria profundas mudanças e marcantes ocorrências políticas e sociais, entre as quais se destacam:

Num primeiro momento:

- a abertura dos portos;
- a criação da Imprensa Régia;
- a fundação do Banco do Brasil;
- a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Em 1822:

- a Independência do Brasil, que teve como conseqüência direta na arte um clima de euforia e ufanismo patriótico, com a exaltação da pátria, da terra, da gente e da natureza brasílicas;
- início do Primeiro Reinado, que se estenderia até 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

De 1831 a 1840:

- Período Regencial;
- em 1835, o início da Guerra dos Farrapos, que se estenderia até 1845.
- Em 1840, a Proclamação da Maioridade de D. Pedro II, sagrado e coroado Imperador do Brasil no ano seguinte.

De 1841 a 1889, o Segundo Reinado, marcado pelas seguintes contingências:

- de 1841 a 1851, período de fortalecimento do regime e pacificação do país;
- de 1850 a 1889, fase de estabilidade política e intervenções militares em países vizinhos;

- de 1864 a 1870, a Guerra do Paraguai;
- em 1870, o início do processo de decadência do Império, que culminaria com a Proclamação da República em 1889.

A sociedade brasileira não assistia, ainda, à época do Romantismo, ao processo industrial vivenciado na Europa. Dessa forma, nossa intelectualidade era formada pelos filhos das famílias ricas do campo, que iam estudar em São Paulo, Recife e Rio — como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora — ou os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais — como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Sílvio Romero. Constituem exceção os escritores de origem humilde: Manuel Antônio de Almeida é um deles.

A estética romântica: riqueza de motivos e abordagens

O fulcro da cosmovisão romântica é o sujeito. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão, foge à realidade. Assim, podem-se evidenciar, no movimento, algumas constantes:

- o egocentrismo, o narcisismo, que em determinados momentos — como no Ultrarromantismo — assumem a forma de verdadeira egolatria;
 - predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, dando vazão a um verdadeiro derramamento de emoções a ao excesso de sentimentalismo;
 - desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo;
 - a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o plano do real e do concreto;
 - a fuga à realidade, a evasão, o escapismo, manifesto de diversos modos:
 - na fantasia, com o artista criando mundos em que o "eu" possa encontrar consolo;
 - no tempo, com o retorno ao medievalismo, ao passado remoto: referências a terras exóticas, a lugares longínquos;
 - na Natureza, buscando remédios para os males do coração;
 - na deserção total, através da morte, sobretudo para os ultrarromânticos;
 - a introversão, a sondagem do mundo interior, que determinará a mundividência romântica e também a visão da Natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do "eu", ao contrário da época anterior, neoclássica, árcade;
 - o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo;
 - a liberdade de expressão, o uso da língua como veículo das emoções do "eu" e, para tanto, o emprego insistente de algumas figuras de estilo, como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia, a apóstrofe etc.
-

Aspectos da prosa romântica brasileira

Data o Romantismo brasileiro de 1836, e sua prosa apresenta, bem definidas, características estéticas em que se marca um "nacionalismo literário", identificado tanto no indianismo alencariano quanto na prosa de conotação histórica e de ambientação regionalista — em que também se coloca José de Alencar, ao par de autores como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

O Romantismo marca um período em que se inicia uma atividade literária voltada para os valores nacionais: há quem se interesse por aquilo que é nativo; tem-se, assim, o indianismo, já que nossa cultura nativa é a indígena. Por outro lado, faz-se também uma leitura da sociedade urbana fluminense incipiente, que sucede à observação dessa cultura nativa.

Desse modo, a prosa romântica apresenta uma riqueza temática de grande valor histórico e mesmo literário. Enquanto o Ceará — em *Iracema* — e o interior do Rio — em *O guarani* — instituem-se como cenários de uma gênese da brasilidade e a região confluyente entre Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás representa um espaço preferencial no âmbito regionalista, o Rio de Janeiro desponta como centro de referência para os escritores da prosa romântica urbana.

Evidencia-se o interesse dos prosadores em pintar as cores locais, enfocando o espaço, o homem brasileiro, em busca do registro de uma cultura nativa (aborígene, indianista), sem, entretanto, deixar de observar os costumes e comportamentos de uma sociedade que se forma tanto no ambiente rural, como se vê em *Inocência*, como urbana, registrada, por exemplo, em *Senhora*. Essa é a razão do aparecimento da produção literária indianista, da regionalista e da urbana.

O romance regionalista romântico

A ficção romântica brasileira: romance, conto, novela, distribui-se numa perspectiva indianista, outra urbana, outra histórica e uma outra regionalista. São características da prosa romântica brasileira:

- o romance de folhetim: Matéria produzida com regularidade para publicação na imprensa. Contém a exploração da intriga, da complicação sentimental, a aventura, tal como hoje apresenta a novela de televisão. Antecedendo a radiodifusão, fez grande sucesso entre o público leitor que somente a abandonou quando surgiu a novela radiofônica.
- o romance indianista: Tem como motivo o Brasil primitivo, a chegada da Metrópole colonizadora, a postura do nativo em relação à sua gente e em relação ao europeu que aqui se instala.
- o romance urbano: Tem interesse pelo comportamento da burguesia; trata da frivolidade da vida urbana ao pintar seus hábitos, linguagens, maneira de trajar-se e de conviver nas rodas sociais ou estudantis, num momento em que a sociedade se deslumbra com o aspecto exterior.

No romance histórico, a História serve como fonte de inspiração, mas não se trata de uma análise do processo. O romancista vai buscar no passado os dados com recompõe o clima daquele momento. É desse período o romance de capa e espada: narrativas voltadas para o suspense ou para a atitude punitiva do vilão e o romance de mistérios. A oposição entre o romance histórico e o urbano está em seu aspecto cronológico.

Entre os romances regionalistas românticos estão as obras voltadas para os diversos núcleos regionais brasileiros: o Nordeste, os Pampas Gaúchos, Minas Gerais, o Pantanal de Mato Grosso. Essas obras tendem ao ufanismo regional, ao registro do nativismo. Listam-se nesse período: José de Alencar, Bernardo Guimarães, Taunay e Franklin Távora.

O seminarista e o regionalismo romântico

O *regionalismo* substituiu, no final do Romantismo, o *indianismo*, dentro dos mesmos objetivos de afirmação da nacionalidade brasileira. Não obstante o idealismo, às vezes excessivo, que norteava os autores românticos, levando-os a afastar-se da realidade, de uma percepção objetiva de sua época e de seu espaço, e a darem vazão ao sentimentalismo exacerbado e à imaginação, o regionalismo consistiu, em alguns casos, no retrato de determinado lugar, na observação de sua gente com seus costumes e paisagens.

Assim é com *O seminarista*: apesar da linguagem colorida, rica em pormenores e exagerada — sobretudo nas descrições da natureza —, o livro consegue mostrar um quadro fiel do interior de Minas Gerais, com os costumes e hábitos das pessoas do lugar, a vila de Tamanduá.

Já se disse que Bernardo Guimarães foi criticado por Monteiro Lobato, que o acusou de falsificar nossas matas, por força de uma excessiva adjetivação pretensiosa.

Em *O Seminarista*, o autor consegue superar essa falha, já que enfatiza uma questão social e religiosa: os efeitos danosos do celibato clerical.

Bernardo Guimarães: um autor regionalista

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu em Ouro Preto, no dia 15 de agosto de 1825, e lá mesmo morreu, no dia 10 de março de 1884.

Em 1829, muda-se com a família para Uberaba, onde inicia os estudos, que seriam completados em Campo Belo e Ouro Preto.

Cursa a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, entre 1847 e 1852, levando, à época, uma vida que lhe traria a fama de boêmio e satírico. Participou da “Sociedade Epicureia” com Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa, participando das famosas “aventuras” do grupo de poetas que buscavam reviver as emoções e loucuras do poeta ultrarromântico inglês Lord Byron. Formado em Direito, dedica-se à Magistratura e ao Magistério.

Em 1852 publica seu primeiro livro, o volume de poesias *Cantos da solidão* e é nomeado juiz municipal em Catalão, Goiás. Em 1860 está no Rio de Janeiro, colaborando na imprensa como crítico literário. Depois de retornar a Goiás em 1861, reassumindo suas funções de juiz, passa outra temporada no Rio, onde publica, entre 1864 e 1865, outro livro, *Poesias*.

O ano de 1867 marca sua volta a Ouro Preto e o casamento com Dona Teresa Maria Gomes. Dois anos depois, o primeiro romance: *O ermitão de Muquém*.

Suas obras mais lidas, *O Seminarista* (1872) e *A Escrava Isaura* (1875), devem-lhe a popularidade menos por um progresso na técnica narrativa ou no traçado das personagens, do que à garra dos problemas de época que abordam: o celibato clerical no primeiro e a escravidão no segundo.

Valendo-se da “técnica do contador de casos”, sua narrativa apresenta-se fluente, oralizada. Sofreu forte influência de Alexandre Herculano, o romântico português, autor anticlerical e avesso ao celibato imposto aos padres, em *Eurico, o presbítero*.

Bernardo Guimarães traz um regionalismo que mistura elementos da narrativa oral: os “causos” e as “estórias” de Minas Gerais, com uma boa dose de idealização. Embora não seja tão forte como em José de Alencar, tal idealização é responsável por uma linguagem adjetivosa e convencional na maioria dos quadros agrestes.

O Seminarista, sua melhor obra, é um verdadeiro protesto contra o cerceamento do instinto pelo voto precoce de castidade, o autor critica a distorção da natureza humana. Na linha do romance passional, retoma, com menos poesia, o esquema final de Herculano, no *Eurico, o Presbítero*: a morte e a loucura por amor.

Além das obras referidas, Bernardo Guimarães deixou também, em prosa, *Lendas e romances* (1871), *O Garimpeiro* (1872), *Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais* (1872), *O Índio Afonso* (1873), *Maurício* (1877), *A Ilha Maldita* (1879); em poesia, *Novas Poesias* (1876), *Folhas de Outono* (1883), e a peça de teatro *A Voz do Pajé* (1914).

O enredo de *O seminarista*: história de um trágico amor

Publicado em 1872, *O seminarista* representa a melhor obra de Bernardo Guimarães e uma das mais importantes narrativas dentro da prosa que representa o romance regionalista romântico.

Em *O Seminarista*, Bernardo Guimarães deixa sair um grito de oposição ao celibato clerical: essa prática determinada pela Igreja Católica é uma aberração contra a natureza humana e a mola propulsora de muita infelicidade.

A personagem central — o seminarista — é Eugênio, rapaz de boa posição social, filho caçula de um fazendeiro de Minas Gerais, o capitão Antunes. Eugênio é criado na fazenda e cresce em companhia da menina Margarida, uma afilhada dos seus pais, dois anos mais nova que ele e filha de uma agregada, dona Umbelina, mulher trabalhadora e de forte personalidade.

Aos poucos, a amizade entre os dois transforma-se em um sentimento mais forte e, embora ainda não tenham consciência do fato, as crianças, que tinham sido criadas desde pequeninas como dois irmãos, passam a amar-se:

“Não eram ainda Romeu e Julieta; mas eram inseparáveis como Paulo e Virgínia vagueando pelas sombras das pitorescas selvas da Ilha de França.”

A primeira separação entre eles se dera quando, aos nove anos, Eugênio foi mandado pelos pais para a cidade, a fim de frequentar a escola:

“No momento de partir foi a muito custo que conseguiram arrancar os dois meninos dos braços um do outro.”

Eugênio volta depois de dois anos e a amizade com a antiga companheira é retomada ainda com mais intensidade, pois agora “era Eugênio que não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quase inteiros junto a Margarida.”

Todavia, namoro e casamento não são planos do capitão Antunes para seu filho Eugênio: a família o quer padre, e o menino, ainda não ciente dos próprios sentimentos em relação a Margarida, não é de todo contrário a essa ideia, pois se dá bem com as coisas da religião:

“Eugênio era dotado de índole calma e pacata, e revelava ainda na infância juízo e sisudez superior à sua idade; tinha inteligência fácil e boa memória. Além disso mostrava pendor para as coisas religiosas. Seu principal entretenimento, abaixo de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante desse oratório o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com toda a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente cômica. Seus assistentes eram os crioulinhos da casa, e às vezes ele tinha por sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava.”

Assim, Eugênio é matriculado no seminário, a fim de que se prepare para a vida sacerdotal:

“No seminário o menino Eugênio era um exemplo de boa conduta e aplicação. Cordato, dócil e obediente, depressa granjeou a benevolência e a estima dos padres, e a simpatia de seus companheiros.[...]

A imagem de margarida e a saudade do lar paterno enchiam-lhe de sobra o espírito e o coração para deixarem lugar às fastidiosas lições de gramática latina. [...] É que eram seus olhos somente que passavam por sobre aquelas letras mortas, que nada diziam ao seu espírito.”

Preso a um ambiente que lhe é totalmente adverso, carregado de repressão e hostilidade, regado a pesadas imposições e rotinas, Eugênio mais se apega à lembrança da namorada distante:

“Não podia desprezar e muito menos odiar a sua boa e gentil companheira de infância, mas era forçoso... esquecê-la de todo! Não; não o queria, e nem isso era possível, mas era preciso não trazê-la tão de contínuo presente ao pensamento. Nesse intuito Eugênio tentou embalde esforços sobre-humanos.”

Depois de quatro anos ausente — pois os padres houveram por bem não permitir sua saída do seminário nem em férias, já que haviam descoberto alguns versos do menino dedicados a Margarida —, Eugênio vai passar as férias na fazenda dos pais — onde fica também a casa de Umbelina — e acaba deixando vir à tona sua paixão, no que é totalmente correspondido por Margarida, agora uma bela jovem, “o tipo o mais esmerado da beleza sensual, mais habitado por uma alma virgem, cândida e sensível”.

Os pais do rapaz, ao perceberem o perigo que a proximidade da moça representa, obrigam-no a voltar para o seminário. Eugênio inicia, então, a mais dura etapa de sua vida, dividido entre a paixão e o celibato a ele imposto:

“Ferida pelo infortúnio a alma bem formada não blasfema contra Deus, nem se revolta contra os homens.

[...]

Todavia Eugênio não podia expelir de seu coração a imagem de Margarida, e nem ele o tentava, pois reputava isso um projeto impossível, absurdo, louco. Essa imagem agora lhe estava gravada n’alma em traços muito mais vivos e profundos do que nos anos da primeira ausência. [...]

Era a paixão com todas as suas cruéis inquietações e anelos febris, com todas as suas sombrias apreensões no futuro, e suas doces e pungentes recordações do passado.”

Os padres, advertidos por carta pelo capitão Antunes, vigiam Eugênio e percebem as atitudes do jovem seminarista, relatando-as também por carta aos pais dele. O capitão Antunes percebe o perigo que ronda o futuro determinado para o filho: Margarida é um estorvo.

Como desiludir Eugênio desse namoro? Inventar-se, então uma história: noticia-se no seminário o casamento da jovem Margarida. Os padres, de comum acordo com os pais do rapaz, dizem a ele que Margarida — a essa altura já expulsa da fazenda com sua mãe pelo capitão — casara-se. Eugênio vê-se traído; por isso, afunda-se nos estudos e na dedicação à carreira eclesiástica, ordenando-se padre:

“Era um padre alto, de tez clara, de fisionomia a um tempo grave e serena, de um tipo nobre e regular. Todavia na fronte larga e pálida via-se como a sombra de um sofrimento íntimo e uma ligeira nuvem melancólica toldava um pouco a limpidez de seus grandes olhos azuis. Estes indícios reunidos a duas rugas prematuras [...] pareciam revelar que dentro daquele crânio se haviam agitado lutas e tormentas apenas serenadas.”

Eugênio retorna à sua terra, a fim de rezar sua primeira missa — cercada de pompa e festejos pela orgulhosa família — e é chamado para confessar e ministrar a extrema unção a uma jovem moribunda. Qual não é sua surpresa, ao constatar que se trata da própria Margarida, que, órfã e ainda solteira, sucumbira ao sofrimento e adoecera gravemente. Os dois amantes deixam-se, então, levar pela paixão e entregam-se totalmente ao amor que os domina: sabedor da trama que lhe armaram, e envolvido pelo amor da jovem, Eugênio “cai em pecado”:

“A moça pôs as mãos ambas sobre os ombros do padre, e fitou-lhe o rosto com um olhar e um sorriso que resumiam um longo poema de amor. Os olhos alucinados nadavam-lhe em eflúvios de ternura [...]. O xale em que se envolvia tinha-lhe escapado dos ombros, e os dois pomos mal cobertos pulavam-lhe no seio inquietos e ansiosos, como duas rolinhas implumes, que forcejam por saltar o ninho.

[...]

Margarida encostou a cabeça ao ombro de Eugênio; este envolveu-a em um abraço.

— Um momento de suprema felicidade!... Depois o inferno! Que importa!...

Este brado de blasfêmia, que erguia-se do coração do padre, sussurrou-lhe apenas pelos lábios.

Ao bafo ardente da paixão sensual na alma de ambos se havia apagado o lume da razão.”

No dia seguinte, desnorteado e sentindo-se em pecado, Eugênio prepara-se para a missa, quando é chamado para a “encomendação de cadáver”. Fica alucinado de dor, quando vê o cadáver da amada na mesma igreja em que rezaria sua primeira missa: é o corpo de Margarida, num “pobre caixão sem tampo”, o que o deixa “transido de horror”.

Eugênio faz os sacramentos “atabalhoadamente”, e volta para terminar os preparativos para a missa. No entanto, ao chegar à escada do altar-mor, começa a despir-se diante de todos:

“[...] e quando já todos de joelhos esperavam que começasse o introito, viram-no com assombro arrancar do corpo um por um todos os paramentos sacerdotais, arrojá-los com fúria ao pé do altar, e com os olhos desvairados, os cabelos hirtos, os passos cambaleantes, atravessar a multidão pasmada e sair correndo pela porta principal.

Estava louco... louco furioso.”

Comentários gerais

A influência de Alexandre Herculano — autor de *Eurico, o presbítero*, romance português que inaugura a tese sobre o “celibato clerical, examinado à luz do sentimento” — é clara e facilmente perceptível, tanto nas observações críticas feitas pelo narrador — em terceira pessoa, onisciente —, como no plano da própria história. Por essa razão, a crítica já chamou *O seminarista* de “monasticon brasileiro”.

O desfecho da obra em muito se assemelha a *Eurico, o presbítero*, de Herculano: neste, Eurico lança-se à morte suicida e Hermengarda enlouquece; aqui, Margarida deixa-se morrer e Eugênio fica louco. No entanto, se tomar o ponto de vista da narrativa, estabelecer-se-á a diferença cabal entre as duas obras: o estilo de Herculano é solene, grave, marcado pelo tom próprio da tragédia.

O de Bernardo Guimarães, neste livro, caracteriza-se pelo tom coloquial, pela técnica do “contador de casos”, que faz a narrativa correr fluente, leve e solta, natural, ao mesmo tempo que antecipa, de certo modo, as características do Naturalismo.

As personagens principais

- **Eugênio:** personagem-título, o seminarista é um jovem “submisso e dócil por natureza”, cordato, de bom coração e bons propósitos de alma. “É alvo”, tem cabelos castanhos e grandes olhos azuis. Não tem coragem suficiente para revoltar-se contra os pais, a quem respeita e ama profundamente. Cresce ao lado de Margarida e a amizade por ela transforma-se em amor, sem que ele se dê conta disso. Quando percebe, desespera-se e tenta lutar por seus sentimentos, mas sem a força necessária para isso. É uma marionete nas mãos dos pais e dos padres do seminário, que acabam manipulando sua vida através de mentiras e intrigas, separando-o de Margarida. Muito inteligente, aprende as lições que recebe, mas não consegue aplicar sua capacidade intelectual para solucionar sua própria vida. Ao final do romance, enlouquece de dor por perder Margarida definitivamente.
- **Margarida:** o grande amor de Eugênio. Muda-se com a mãe para a fazenda dos pais dele quando tem ainda um ano de idade. Morena, de olhos grandes e negros, cresce e transforma-se numa moça belíssima e sensual, moldada pelo ar da fazenda, saudável, corada, viva, ao contrário do seminarista, que retorna pálido e abatido, com ar grave. Embora seja mais forte e decidida que o amado, também não consegue furtar-se à cilada que o destino, representado pelos pais do rapaz e pelos padres do seminário, lhe prepara. Adoece e morre por amor, o que retoma a visão romântico sentimento como razão de vida.
- **D. Umbelina, mãe de Margarida:** simples, pobre, viúva de um alferes e comadre dos pais de Eugênio, a quem dera Margarida para ser batizada, é “uma matrona gorda e corada, de rosto sempre afável e prazenteiro”, e vendia aos passantes refrescos e quitandas em “sua aseada e garrida casinha”.
- **Capitão Francisco Antunes, pai de Eugênio:** homem sério, firme em seus propósitos, não hesita, porém, em mentir para atingir o objetivo de fazer do filho um padre, e inventa que Margarida se casara, de comum acordo com os padres. É descrito como “um fazendeiro de medianas posses, mas homem considerado no lugar e pessoa de importância”, “bom e extremoso pai de família, liso e sincero em seus negócios, partidista firme e cidadão sempre pronto para os ônus públicos”, mas acaba fazendo o papel de vilão da história, ao separar os dois protagonistas.
- **Sra. Antunes, mãe de Eugênio:** profundamente supersticiosa, beata e religiosa, “tinha o espírito propenso a acreditar em superstições e agouros”. Colabora com o marido para fazer de Eugênio um padre, tornando-se, assim, também uma antagonista em relação ao casal de protagonistas.
- **Padre Diretor do Seminário de Congonhas do Campo:** representa um dos vilões da história; mente, arquiteta truques e arma ciladas para separar Eugênio de Margarida. Através dessa personagem, observa-se uma crítica — ainda que velada, disfarçada pelas características próprias do Romantismo — ao clero e ao celibato clerical.

O foco narrativo

A narrativa desenvolve-se em terceira pessoa, com um narrador-onisciente que algumas vezes também se mostra apenas observador, principalmente quando comenta, em primeira pessoa, os fatos com o leitor. É clara a opção do narrador pela prevalência do amor sobre a valorização da carreira eclesiástica e em oposição ao celibato clerical: seus comentários a respeito dos sentimentos das personagens comprovam essa posição.

O tempo

Predomina o tempo cronológico, embora o narrador se valha de algumas pequenas retrospectivas para explicar o passado de algumas personagens, como, por exemplo, Umbelina e Margarida.

O espaço

Pode-se perceber, ao longo da obra, uma nítida divisão dos espaços onde a história transcorre, o que, por sua vez, determina os dois climas que marcam o romance:

- os espaços abertos: o campo, o sítio, a natureza cúmplice dos apaixonados e de seus momentos felizes;
- os recintos fechados — em que se inserem as cenas mais pesadas: a casa dos pais de Eugênio, o seminário, a igreja, o casebre onde Margarida agoniza.

Nos espaços abertos, a obra caracteriza-se como uma pastoral, uma história campesina, bucólica, de amor infantil; nos espaços fechados, o clima é de tragédia, denso, pesado.

A tragédia transparece, ainda, no suspense crescente, até o desfecho, e em observações em que o destino é colocado como o senhor absoluto de existência humana — com a ressalva de que esse “destino” é largamente auxiliado pelo fanatismo religioso dos padres do seminário e dos pais de Eugênio.

O estilo (a linguagem)

A linguagem utilizada por Bernardo Guimarães nesta obra é colorida, exuberante, marcada pela visão subjetivista e idealista própria da estética romântica. O tom, coloquial, apoia-se na técnica do “contador de casos”, que faz a narrativa correr fluente, leve e solta, natural. Chama a atenção a presença de modismos populares, de comparações e símiles retirados da realidade da região em que se passa a história, de provérbios, ditos e crenças do povo simples do interior. Isso se explica pela preocupação dos regionalistas em retratar o modo de vida dos interioranos.

Atividades

1. A obra *O seminarista*, de Bernardo Guimarães, dá maior relevância ao _____ que à _____.
2. A obra *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, “tem um marcado substrato de _____, movimento do qual é precursor.
3. *O Seminarista* é obra que deixa bem marcada a influência de _____ na ficção de Bernardo Guimarães.
4. A influência recebida do romancista português justifica que o romance anticlerical de Guimarães seja chamado de _____.
5. Estando no seminário, a família de Eugênio inventa uma notícia para afastá-lo da namorada. Qual é essa notícia?